

COMENTÁRIO BÍBLICO

4º Domingo da Quaresma – Ano A

22março2020

1 Samuel 16,1-13; Salmo 23; Efésios 5,8-14

S. João 9,1-25

¹Um dia, Jesus encontrou no seu caminho um homem cego de nascença. ²Os discípulos perguntaram-lhe: «Mestre, quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele ou os pais?» ³Jesus explicou: «Nem pecou ele nem os pais, mas é para que o poder de Deus se possa manifestar através dele. ⁴Precisamos de fazer, enquanto é dia, as obras daquele que me enviou. Vem a noite e já ninguém pode trabalhar. ⁵Enquanto estiver neste mundo, sou a luz do mundo.»

⁶Tendo dito isto, cuspiu no chão, fez com a saliva um pouco de lodo e aplicou-o nos olhos do cego. ⁷Depois disse-lhe: «Agora vai-te lavar à piscina de Siloé.» (Siloé significa «Enviado de Deus»). O homem foi lavar-se e ficou a ver.

⁸Os vizinhos e o povo, acostumados a vê-lo pedir esmola, diziam uns para os outros: «Não é este o que costumava estar sentado a pedir esmola?» ⁹Uns diziam: «É ele mesmo.» Outros afirmavam: «Não é, não! É outro muito parecido com ele!» Porém, o que tinha sido cego garantia-lhes: «Sou eu, sou!» ¹⁰Perguntaram-lhe então: «E como é que agora já não és cego?» ¹¹«Aquele homem chamado Jesus», respondeu ele, «fez um pouco de lodo, aplicou-o nos meus olhos e disse-me: vai lavar-te à piscina de Siloé! Eu fui, lavei-me e comecei a ver.» ¹²Perguntaram-lhe então: «Onde é que está esse homem?» «Não sei», respondeu.

¹³O homem que tinha sido cego foi depois levado à presença dos fariseus. ¹⁴O dia em que Jesus fez o lodo e lhe deu a vista era sábado. ¹⁵Por essa razão, os fariseus perguntaram ao homem como é que tinha sido curado. E ele contou-lhes: «Pôs-me um pouco de lodo nos olhos, fui-me lavar e agora vejo.» ¹⁶Alguns dos fariseus replicaram: «Quem fez isso não é um homem de Deus, pois não respeita a lei do sábado.» Mas outros perguntavam: «Como pode um homem ser pecador e fazer sinais destes?» E gerou-se uma discussão entre eles. ¹⁷Voltaram a perguntar ao que tinha sido cego: «E tu o que é que dizes dele, uma vez que te deu a vista?» E ele: «É um profeta.»

¹⁸Mas os chefes dos judeus não queriam acreditar que ele tinha sido cego e que tivesse sido curado. Chamaram os pais dele ¹⁹e perguntaram-lhes: «É este o vosso filho? É verdade que ele nasceu cego? Como é que ele agora tem vista?» ²⁰Os pais responderam: «Sim, é verdade que este é o nosso filho e que nasceu cego. ²¹Mas como é que agora vê não sabemos. E também não sabemos quem o curou. Já tem idade para responder, perguntem-lhe!» ²²Foi por medo que eles deram esta resposta, porque os chefes dos judeus tinham resolvido expulsar da sinagoga todo aquele que confessasse que Jesus era o Messias. ²³Por isso é que disseram: «Ele já tem idade para responder, perguntem-lhe.»

²⁴Os chefes dos judeus mandaram chamar outra vez o que tinha sido curado, e disseram-lhe: «Dá glória a Deus! Nós sabemos que esse homem é um pecador.» ²⁵«Se é pecador ou não, isso não sei», respondeu ele. «O que sei dizer é que eu era cego e agora vejo.» ²⁶Tornaram-lhe a perguntar: «Que é que ele te fez? Como é que te abriu os olhos?» ²⁷«Já vos contei como foi, mas vocês não acreditaram em mim», respondeu ele. «Que mais querem ouvir? Será que também querem ser seus discípulos?»

²⁸Ao ouvir isto, os fariseus insultaram-no: «Tu és que és discípulo desse homem! Nós somos discípulos de Moisés. ²⁹Sabemos que Deus falou a Moisés; mas deste, nem sequer sabemos donde é.» ³⁰Ele replicou: «Que coisa estranha! Não sabem donde ele é, mas a verdade é que ele me deu a vista. ³¹Ora nós sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas escuta aqueles que o adoram e fazem a sua vontade. ³²Desde que o mundo é mundo, nunca se ouviu dizer que alguém desse a vista a um cego de nascença. ³³Se esse homem não viesse de Deus nada podia fazer.» ³⁴Responderam, por fim, os fariseus: «Tu nasceste cheio de pecados e queres ensinar-nos?». E puseram-no fora.

³⁵Jesus soube depois que tinham expulsado o homem da sinagoga. Tendo-o encontrado disse-lhe: «Tu acreditas no Filho do Homem? ³⁶O outro perguntou-lhe: «Senhor, quem é ele, para que eu acredite?» ³⁷«Já o viste», declarou-lhes Jesus. «É aquele que está a falar contigo.» ³⁸Então ele prostrou-se diante de Jesus e exclamou: «Eu creio, Senhor!» ³⁹Jesus disse-lhe mais: «Eu vim a este mundo para fazer um julgamento: os que são cegos hão-de ver e os que veem hão-de ficar cegos.»

⁴⁰Os fariseus que estavam com ele, ao ouvirem tais palavras, disseram-lhe: «Porventura também nós somos cegos?» ⁴¹Jesus esclareceu: «Se fossem cegos não tinham culpa do mal que fazem. Mas uma vez que afirmam “nós é que vemos”, o vosso pecado continua.»

(O Evangelho indicado para hoje termina no versículo 25, mas inclui-se a parte restante do capítulo para melhor compreensão do relato da cura do cego de nascença)

1. O sentido do milagre é dado pela declaração de Jesus: “sou a luz do mundo” (vº 5). E o relato da dádiva da vista ao cego de nascença é o símbolo da verdade daquela declaração. No Evangelho de João é frequente relacionar a ação reveladora e salvadora de Cristo com o símbolo da luz – “Aquele que é a Palavra era a luz verdadeira; Ele ilumina toda a gente ao vir a este mundo.” (S. Jo 1,9). Acresce que no final do relato, Jesus explica “Eu vim a este mundo para fazer um julgamento: os que são cegos hão-de ver e os que veem hão-de ficar cegos.” (vº 39). A oposição entre os que ‘veem’, os que se afirmam na sua autossuficiência centrada no que têm e/ou no que sabem, e os ‘cegos’, os humildes de que o cego é o símbolo. E esta comparação na história é de tal modo subtil que os fariseus (vº 40) não compreenderam que a mesma tinha a ver com eles. Para Jesus valem os que O aceitam como filho de Deus, os que n’Ele acreditam como Senhor e Salvador e O seguem passando a andar na luz da vida (“Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” – S. João 8, 12). Ou seja, passam a ter um novo olhar sobre a vida, uma visão iluminada pela misericórdia de Deus que “consiste em toda a bondade e justiça e verdade” (Efésios 5, 8-9). O evangelista pretende dizer-nos que no encontro com Jesus a escuridão da cegueira dá lugar à luz duma visão que nos impele ao exercício da bondade alegre e abundante na relação com os nossos semelhantes e apela a uma existência baseada na justiça e verdade.

2. Atentemos em alguns pormenores.

A iniciativa é de Jesus (vºs 6-7), como no encontro com a mulher samaritana. João ‘diz-nos’ que na verdadeira relação com Deus o início da ‘conversa’ é sempre d’Ele. Podemos compreendê-la ou não, podemos aceitá-la ou não, mas na mundividência da fé só nos é permitido estar atentos, porventura conjecturar, maturar as nossas dúvidas, e responder, sim ou não. Veja-se o que se passa com Moisés perante a visão da sarça-ardente (Êxodo 3), com Abraão (Génesis 12) e com David (I Samuel 16).

Depois, como nas curas do surdo-mudo (S. Marcos 7,33) e do cego de Betsaida (S. Marcos 8,23), Jesus cospe na terra, faz lodo com a saliva, e aplica-o nos olhos do cego e dá-lhe uma ordem:

«Agora vai-te lavar à piscina de Siloé.». O cego foi, lavou-se e passou a ver. Que extraordinário. Aquele pobre homem, que vivia a pedir esmolas, deixa-se tomar pela ação de Jesus, que desconhecia (*“Se é pecador ou não, isso não sei, respondeu ele. O que sei dizer é que eu era cego e agora vejo.”* - v^o 25), obedece, confiante, à Sua palavra e ganha a luz que vê e aprecia. Não tem qualquer referência que lhe permita uma pergunta, uma dúvida, uma sombra no seu consciente. Não. Apenas, humildade de necessitado e obediência confiante. Mais uma vez, o evangelista João vem dizer-nos: se queres chegar à alegria da verdadeira luz que é Jesus, deixa-te tomar por aquela confiança humilde e obediente e a Luz do Seu amor inundará o teu coração. E isto é o cerne da fé.

Mas, não esqueçamos, isto não é fácil. Para o cego, depois de passar a ver, começaram as dificuldades: os vizinhos duvidaram que ele fosse ele (v^{os} 8-10); os pais abandonaram-no porque tiveram medo das autoridades religiosas (v^{os} 20-21); e estas insultaram-no e expulsaram-no porque a cura num sábado põe em causa a Lei (v^o 34). À alegria da visão conseguida, à nova sensação de vida colorida, à novidade do agora visto como se tivesse nascido outra vez, segue-se uma caminhada de solidão em crescendo. A nossa humanidade nos questionamentos da existência perante fenómenos que não controlamos e que nos descompõem. Pode haver muitas respostas e muitas saídas para tais problemas mas, na vertente existencial uma e só uma é a resposta: *“Eu creio, Senhor!”*, dita em posição humilde perante Jesus.

3. Com a eclosão da pandemia do vírus Covid-19 em quase todo o mundo passamos a viver numa situação verdadeiramente preocupante que nos causa medo e muita angústia. Os mais idosos, de um momento para o outro, descobrem a fragilidade do seu modo de estar numa luta pela sobrevivência. A quarentena, para todos, veio trazer-nos um tempo em que tudo se põe em questão e descobre-nos impotentes e impreparados à mercê de uma entidade invisível, silenciosa, acutilante, sem limite. Onde quer que nos escondamos ela vai ter connosco. Além disso, se se não conseguir em relativo pouco tempo um antídoto, vacina ou medicamento, que pare o alastramento do vírus, são cada vez mais as vozes que anunciam a ruína da economia mundial com consequências funestas para o desenvolvimento das sociedades humanas. Estamos, assim, confrontados com a nossa vulnerabilidade. Mas, reconhecermo-nos vulneráveis não é um elemento negativo, antes, pode ser uma caminhada existencial que nos leve a um novo estilo de vida onde nos aceitamos com as nossas fragilidades e descobrimos a grandeza de um Deus que nos ama, como escreve o Cardeal José Tolentino Mendonça: *“Só a vulnerabilidade nos eleva à altura do infinito à maneira de uma dança, onde a gravidade é vencida pela graça.”*ⁱ

Então, não nos deixemos derrotar. Oremos, com ou sem tempo, para nos mantermos fiéis a Jesus, nosso Mestre e Salvador, e resistirmos às adversidades, medo e angústia. Confiantes, procuremos manter a mente lúcida e o olhar atento e contemplativo, elevando ao Senhor da Vida as nossas preces e intercessões e, como alguém escreveu, com mãos estendidas e pés ágeis no socorro de quem precisa.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ José Tolentino Mendonça, UMA BELEZA QUE NOS PERTENCE, Lisboa, Quetzal, 2019, p. 211